

# A ORGANIZAÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEBATE.

Coriolano P. da Rocha Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto apresenta uma discussão acerca da constituição do campo acadêmico e profissional da educação física e seus obstáculos. Para tanto, busca analisar diferentes proposições que apresentam novas denominações e compreensões para a educação física, no que se refere a sua estrutura como disciplina científica e/ou disciplina acadêmica. O texto se organiza a partir de uma revisão das principais proposições, entre elas: Cinesiologia, Ciência da Motricidade Humana e Ciências do Esporte, buscando entender como estas se apresentam, suas intenções e formulações, bem como se dá a circulação destas na área.

**Palavras-chaves:** campo, educação física, cinesiologia, ciências da motricidade humana e ciências do esporte.

## PRIMEIRAS ANÁLISES

A educação física, por tradição, sempre buscou identificar e definir conceitualmente as diferentes modalidades de intervenção que seu campo profissional abarca. É constante a luta que trava por argumentos que lhe fundamentem científica e/ou pedagogicamente, seja do ponto de vista acadêmico, profissional ou educacional. Nela, a busca por legitimidade e *status* dá origem a toda uma produção de narrativas.

Desta forma, neste artigo temos por objetivo analisar os embates, os autores e as propostas que tentam entender a área da educação física, na tentativa de buscar a compreensão de como esta se organiza na condição de campo profissional insituído e onde os atores sociais travam suas lutas por busca de prestígio e hegemonia.

O intenso debate acerca da legitimidade social da educação física e do prestígio de seus profissionais motivou, e ainda continua a motivar,

boa parte das conversas e textos produzidos no interior deste campo profissional. Podemos destacar dois eixos na produção das narrativas: a luta interna que busca angariar *status* e a legitimidade da educação física e o problema do autoconceito negativo do professor de educação física visualizado no cotidiano.

A partir deste sentimento, foram postulados e formulados diversos encaminhamentos para a ação profissional e acadêmica da educação física em sua atuação, que tentam justificar a profissão. Estas formulações tornaram-se indicativos orientadores para uma mudança deste quadro de desprestígio no interior da área. Estas orientações buscam pensar o papel social da educação física, a atuação do professor e as políticas governamentais, identificando um quadro e apontando mudanças nele.

Neste quadro de formulações, a idéia de crise torna-se fundamental para que seja anunciada a

1. Mestre. Universidade Federal da Bahia - Faculdade de educação - Departamento III  
Grupo de Pesquisa CORPO (Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação)

possibilidade de mudança. Sobre o surgimento de diversas tendências, Ghiraldelli Junior (1988) afirma que:

A educação física está em ebulição. Desde o início dos anos 80, qualquer observador da área pode constatar que em vários estados do país pululam núcleos empenhados na rediscussão de temas que vão desde a redefinição do papel da educação física na sociedade brasileira até questões ligadas às mudanças necessárias ao nível da prática efetiva nas quadras, ginásios e campos. (p.15)

As várias orientações na área da educação física têm servido como formas de entendimento acerca do papel e da forma de ação desta na sociedade, buscando fornecer elementos orientadores, ou mesmo exemplificadores, do fazer do professor que deve ser generalizado para qualquer tipo de intervenção. Uma discussão tensa no campo da educação física pode ser localizada entre dois grandes grupos: 1) aqueles que advogam a unidade, isto é, o profissional de educação física é um educador independente do campo de intervenção; 2) aqueles que pensam a profissão a partir dos diferentes tipos de intervenção. Assim, ser profissional de educação física fora do ambiente escolar, da educação de crianças e jovens pode se assemelhar a qualquer profissão liberal: advogados, médicos, enfermeiros etc. O lugar do educador para este grupo limita-se ao ensino formal de crianças e jovens. Este grupo advoga que a formação universitária deve garantir o atendimento das demandas diferenciadas que estão sendo impostas pelo mercado para o profissional de educação física.

Contudo, o discurso da crítica sobre os diversos campos de atuação profissional nasce do interior do debate pedagógico da educação física por aqueles que pensam a unidade da profissão a partir da esfera da educação e da pedagogia. Assim, a educação física é pensada a partir da lógica do discurso pedagógico.

Apesar da aparente fragmentação e diferenciação dos objetivos sociais dos diferentes tipos de

intervenção no campo da educação que se vem processando desde o final da década de 1970, o discurso pedagógico no início dos anos 80 elaborou críticas pensando o campo como unitário. Os diferentes tipos de intervenção profissional existentes foram pensados a partir dos modelos didático-pedagógicos da educação física escolar e é a partir do modelo da educação física escolar que as demais instâncias de atuação profissional devem ser pensadas.

Observa-se que as vertentes se caracterizam pela proposição de uma nova terminologia ou nome que demarque uma identidade positiva e traduza novos valores políticos, científicos e/ou pedagógicos para o campo. A lógica parece funcionar da seguinte maneira: a da introdução de um novo nome ou marca deve indicar uma suposta diferença em relação à tradição do campo. Cada texto-proposta de educação física parece apresentar essa característica.

O uso de novos “conceitos” ou novos nomes que tentam abarcar o universo das atividades que fazem parte do rol de práticas corporais é vasto no cenário da educação física. Podemos trazer como exemplo, Manuel Sérgio (1991) com a Ciência da Motricidade Humana; Tani (1996) com a Cinesiologia, e as Ciências do Esporte. Observem que todos estes “nomes-conceitos” tentam estabelecer unidade no campo e ruptura em relação à tradição. É sobre estes três que vamos nos concentrar.

Os nomes propostos como marca da posição pedagógica e ideológica dos autores e/ou da proposta de educação física sofrem processos de resignificação no interior do campo. Os leitores e professores ao apropriarem-se do “novo nome” acabam por torná-lo um símbolo que já não carece de entendimentos e descrições daquilo que o termo deve indicar. Os nomes tornam-se, assim, pretensões ou palavras de força no interior das próprias obras que pretendem romper em relação à tradicional educação física.

Todas estas novas denominações pretendem possibilitar uma compreensão acerca das atividades físicas que dêem conta de um entendimento que visa ser mais amplo e diverso, indo além de uma noção de caráter técnico, tendo sempre a expectativa de tentar ser um avanço naquilo que os autores apontam como sendo passível de mudança. A partir deste amplo desejo de lutas nominalistas no interior do campo é que vamos centrar a discussão nas próximas seções.

## A BUSCA PELO STATUS E PELA IDENTIDADE

A educação física brasileira traz consigo uma característica constante, que é a idéia de crise que circula em nosso meio fazendo com que pareça ser rotineira e perene. Neste trajeto dois aspectos sempre se fizeram presentes: a luta por *status* acadêmico e a crise de identidade. Podemos dizer que um se dá motivado pelo outro, onde o debate encerra-se numa espécie de circularidade.

Na educação física, seja em seu meio acadêmico ou profissional, a luta pela conquista de *status* que lhe confira prestígio e respeitabilidade tem sido um aspecto muito presente, sempre na tentativa de que o campo passe a ser respeitado socialmente, onde o desejo é igualar a educação física às demais disciplinas acadêmicas ou curriculares, sempre na busca de prestígio. Isto se dá principalmente por se crer que a educação física é, de uma forma ou de outra, considerada inferior às demais áreas de conhecimento.

Este tipo de sentimento fez com que internamente se motivasse um constante discurso de autovalorização da importância da educação física para a sociedade, para o indivíduo, numa espécie de campanha pelo reconhecimento da área. Isto ocorre mais entre seus próprios profissionais do que na sociedade, o que faz parecer que era, antes de tudo

uma necessidade de auto-convencimento.

Bracht (1999), em uma obra que discute as relações entre a educação física e a ciência, diz que a educação física em suas características de formação profissional fez “retardar o aparecimento do intelectual da EF.”(p.18). Dando continuidade à esta idéia, o mesmo autor diz que “os intelectuais que pensaram a EF brasileira, neste período, trouxeram/adquiriram o instrumental para tanto em outros campos, ou seja, o campo da “EF”<sup>2</sup> não dispunha dos meios para teorizar sua prática.” (p.18)

Bracht (1999), neste contexto, tenta demonstrar que a formação da massa crítica em educação física deu-se com o aporte teórico e instrumental de outros campos disciplinares. Sendo assim, sempre existiu uma motivação para se elaborar justificativas de origem teórica para a área, tentando fazer-se um apelo de ordem científica, indo buscar apoio ou se aproximando de outras áreas de conhecimento já reconhecidas pela sociedade. Ainda, segundo o mesmo autor, o problema é que os intelectuais da educação física tornaram-se mais historiadores, sociólogos, teóricos da educação em geral, fisiologistas etc., e pouco contribuíram para teorizar a intervenção em educação física nos seus vários níveis.

Podemos observar que em suas obras, Bracht (1997 e 1999) vem se preocupando com o fato da educação física se manter dependente de outras áreas, não criando independência e pensamento próprio. Desta forma, este autor tenta nos fazer crer da necessidade de criar uma teoria específica para a educação física.

Para Lovisolo (1995), o problema não está localizado na ausência de teoria específica, mas em uma certa confusão entre o papel do pesquisador e o do professor e na indefinição que se dá entre disciplina e programa de atividade

<sup>2</sup> Aspas do autor.

e que este fato é típico de uma área que ainda está em busca de sua especificidade. Para Lovisolo (1995), o foco de atenção não seria a falta de uma teoria específica para a área, já que a “intervenção no campo das atividades corporais continua sendo o núcleo da tradição da educação física.” (p.29). Se para Bracht (1999) o problema da falta de *status* se dá em função da dependência teórica e da ausência de uma teoria que fundamente a prática, para Lovisolo (1995) o problema se localiza pela qualidade das mediações nos diferentes processos de intervenção.

Argumentos de ordem cientificista também são formulados na busca de *status* para o campo. Tani (1996) constata uma crise de identidade na educação física que surgiu a partir de “... uma fase de turbulências em que aspectos como preparação profissional, atuação profissional, identidade acadêmica, pesquisa e pós-graduação foram questionados e discutidos” (p.12). Esta crise acaba se dando num entrave entre correntes de pensamento em nossa área, que tentam identificar um campo de estudos, um objeto de estudo específico para a educação física, tentando criar um estatuto científico e epistemológico.

Com esta não delimitação clara do objeto específico de estudos da educação física, o que ocorre é a aproximação e identificação com outras áreas de conhecimento que se encontram solidificadas, estruturadas como disciplinas científicas e curriculares. Assim, pesquisadores vêm tentando reconhecer qual seria o campo de conhecimento específico da educação física, tentando dar unidade e identidade própria à educação física, buscando também auferir prestígio para este campo do conhecimento.

Esta busca por prestígio dá-se quando existe um diálogo externo, quando profissionais de educação física vão produzir ou debater em outras frentes, indo dialogar ou produzir em áreas diferentes da de sua formação original. Além disso, esta busca por um objeto de estudo específico vem da meta

de querer tornar a educação física uma ciência, por entender que só assim estaria em condições de obter reconhecimento, de ter uma afirmação no espaço universitário, e também na sociedade em geral.

Esta tentativa de tornar a educação física um campo que desfrute de prestígio vem se dando de forma rotineira, podendo ser vislumbradas várias destas elucubrações teóricas em trabalhos de pesquisadores nacionais e estrangeiros. Estas campanhas por transformações se dão a partir da definição do que a Educação Física deve ser, sendo aí que se chocam os que a entendem como área de intervenção e os que a entendem como campo científico.

Nesta busca, estão no primeiro time os que vêm pensando a educação física com um olhar a partir da escola. Neste time temos “jogadores” que se apresentam com nomes diferentes, mas que têm em comum o fato de definirem-se como culturais e que tentam agregar em torno de si tudo o que se refere ao desenvolvimento profissional e acadêmico da área. No outro time, estão os “jogadores” que tem em comum o fato de quererem mudar a área para formar uma nova ciência, onde a troca do nome torna-se fundamental. Tornar científica a educação física também é meio de elevação de *status*. É justamente sobre este grupo que nos deteremos na próxima seção.

## BUSCANDO NOVAS REFERÊNCIAS E/OU UM NOVO NOME

---

Na luta por um novo sentido para a área, até o nome educação física tem sido alvo de críticas internas, tentando-se buscar outra denominação que atendesse as orientações propostas em cada nova construção conceitual.

Estas proposições conceituais apontam claramente dois caminhos: o viés científico e o político.

co e/ou cultural, estando ambos a serviço da justificação de um suposto modelo teórico. Cada um tem sua justificativa para a matriz teórica escolhida, definindo o papel social da educação física e sob que ótica ela deve atender a sociedade.

A questão que se refere ao nome educação física vem da consideração de que este não mais traz uma significação real ao que se pensa sobre a área e sobre o que ela deve ser. Esta divergência em relação ao nome vem significar mais um momento de crise interna, já que existe uma diversidade de proposições que tentam dar-lhe uma nova denominação.

As várias denominações novas tentam representar aquilo que pensam seus autores do que deve ser a área em seus espaços de intervenção e estudos. Lovisolo (2000) diz que estas divergências conceituais podem ser “indicador de uma crise profunda em relação aos objetivos da intervenção e aos objetivos das teorias que referenciam as pesquisas e legitimam a intervenção” (p.7), pois cada proposta aponta caminhos diferentes para a área, no seu fazer e no seu pensar.

Podemos identificar várias destas denominações criadas na intenção de substituir o nome educação física, cada qual tentando seguir seu próprio caminho, podendo cada uma delas ser uma proposta de um autor ou mesmo de um grupo de autores, vinculados ou não a uma instituição de ensino ou de pesquisa. Podemos citar Cinesiologia, Ciência da Motricidade Humana e Ciências do Esporte como exemplos de tentativas de cunhar um novo nome para a área em substituição ao atual. Todas estas propostas de novos nomes entendem que o termo educação física é por si só um obstáculo ao seu desenvolvimento, trazendo consigo uma tentativa de redefinição do objeto de estudo e de novas propostas de intervenção.

Em educação física é evidente a circulação do debate epistemológico ou da proposição de novos nomes, principalmente, através de periódicos, livros e seminários. Acerca desta discussão relativa ao nome educação física e sua possível modificação, Tani (1996) afirma que este debate teve um impulso no Brasil a partir das reflexões do Prof. Manuel Sérgio Vieira e Cunha<sup>3</sup>, para, após isto, passar a receber grande atenção e mesmo passar por forte tensão.

Nesta lógica, a Cinesiologia surge como um novo nome proposto pelo Prof. Go Tani e vem com a idéia de dar uma identidade acadêmica para a área. Como definição, TANI (1996) diz que a Cinesiologia é

...uma área de conhecimento que tem como objeto de estudo o movimento humano, com seu foco de preocupações centrado no estudo de movimentos genéricos (postura, locomoção, manipulação) e específicos do esporte, exercício, ginástica, jogo e dança. (p.25-26)

Em sua estruturação, a Cinesiologia seria dividida em três sub-áreas, a saber: biodinâmica do movimento humano, comportamento motor humano e estudos sócio-culturais do movimento humano. Existe a pretensão de que estas três sub-áreas incorporem as várias especialidades que já estão estabelecidas na educação física.

A cinesiologia não obtém resultado na sua proposição de unificar a área, visto tentar propor ações sobre algo genérico - os movimentos - sendo que os movimentos podem possuir todo tipo de representação. Então a cinesiologia está, assim como a educação física, sem foco definido, sem objeto de estudo específico.

Outra proposta de um nome diferente para a educação física, veio com a Ciência da Motricidade Humana, termo sugerido pelo Prof. Manuel Sérgio.

Para Manuel Sérgio (1991, p.74), “não só o

<sup>3</sup> Embora seja este o nome completo, estaremos tratando por Manuel Sérgio, como ficou mais conhecido este autor.

termo educação física não tem sentido, porque seria tentar ressuscitar um cartesianismo defunto, como não tem autonomia, dado que se afirma tão-só um elemento (ao lado de outros) da educação integral...”.

A idéia da construção da Ciência da Motricidade Humana vem com o intuito de transformar o cenário da educação física, tentando atribuir-lhe uma legitimidade científica, em que se observa a conduta motora, sempre vista sob a luz de uma dada teoria.

Manuel Sérgio (1991) entende que para uma legitimação social da educação física, esta deve “...procurar entender-se como ciência independente e autônoma e com um objeto de estudo que **não oferece dúvidas**<sup>4</sup> sobre os seus fundamentos lógicos, epistemológicos e existenciais.” (p.78). Para tanto, crê que a Ciência da Motricidade Humana dá conta destas questões por surgir como uma nova ciência que vai avançar para além do que a educação física é, pois através do que chama de corte epistemológico cria-se uma ciência específica, independente, deixando assim de ser uma parte de uma área mais geral, que é a pedagogia. Não se pode deixar de observar que Manuel Sérgio (1991) institui uma ciência com um argumento de autoridade, quando diz que o objeto de estudo da motricidade humana não “...oferece dúvidas sobre os seus fundamentos lógicos, epistemológicos e existenciais.” (p.78) Para Manuel Sérgio, a educação motora deve vir a ser o ramo pedagógico da Ciência da Motricidade Humana, como veio de representação desta nas ações profissionais.

A tese da Ciência da Motricidade Humana acaba também caindo por terra, pois não consegue atingir os objetivos pretendidos, dentre eles o de mudar o nome educação física para Ciência da Motricidade Humana nem mesmo em seu país de origem.

A tese da Ciência da Motricidade Humana não consegue definir um objeto de estudos específico - uma teoria, como a princípio era seu interesse. O que acaba fazendo é criar múltiplos olhares e perspectivas sobre um mesmo fenômeno - o movimento humano, o que já acontece em nosso campo. Sua perspectiva, assim como a de Tani acabam por criar uma nova organização institucional para aquilo que já acontece, isto é, a produção de pesquisas a partir de diferentes disciplinas científicas. Entretanto, a perspectiva inter/multi ou transdisciplinar ainda continua sendo mais um desejo do que uma perspectiva concreta de realização. Mais uma vez se percebe que a tentativa de unidade não tem sucesso, pois, ao contrário, estimula-se a multiplicidade de abordagens e compreensões, o que acaba contrapondo-se ao interesse maior de agrupar tudo que se dá na área sob uma única roupagem.

O termo Ciências do Esporte, que segundo Tubino (2002) tem em Herbert Haag seu principal articulador, é mais uma tentativa de se pensar outro nome para a Educação Física. Para Bracht (1999, p.31) é quando a EF “...deixa de se apresentar como ginástica (métodos ginásticos) e consolida-se o esporte enquanto seu conteúdo maior, que as chamadas Ciências do Esporte instalam-se no campo, inicialmente chamado de EF.”

Sobre o mesmo tema, Paiva (1994) coloca que a tentativa de transformar a educação física em Ciências do Esporte tem seu auge num editorial da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), onde é dito que o professor de Educação Física deveria ser visto como um mestre em Ciências do Esporte.

O uso do termo Ciências do Esporte solidifica-se quando este passa a ocupar quase totalmente o cenário da educação física, passando mesmo a ser sua maior representação, conforme Bracht (1999) nos mostra adiante.

<sup>4</sup> Grifo nosso



Este autor nos diz que existe ainda uma grande dificuldade entre a educação física e as Ciências do Esporte, que é de se “... diferenciar a identidade epistemológica de uma ou de outra, nem sequer uma identidade própria.” (p.78). chegando os termos a se confundirem ou a serem usados em conjunto.

Entende-se, nesta linha, que o esporte tem a característica de ter estreitos laços com diversas áreas de conhecimento, “o que empresta a ele uma característica interdisciplinar.” (TUBINO, 1999:p.7).

Podemos observar, na proposta das Ciências do Esporte, que não existe uma ciência, mas sim estudos sobre esporte a partir de disciplinas mães, ou seja, olhares específicos sobre um mesmo fenômeno, mas com problemáticas totalmente distintas, o que faz com que se tenha uma diversidade de interpretações sobre o mesmo tema e não uma interdisciplinaridade. As resoluções dos problemas são isoladas e assim o termo Ciências do Esporte torna-se mais um nome que auxilia a nublificar e obscurecer o entendimento da educação física.

Podemos argumentar que não se cria um campo científico por decreto ou por imposição de um determinado grupo. No caso das Ciências do Esporte, o que acontece são os estudos a partir de diferentes disciplinas científicas que problematizam o esporte ou atividades corporais segundo a própria lógica e perspectivas teóricas. Neste caso, os que advogam a denominação Ciências do Esporte confundem o campo científico com o fenômeno ou com a temática, desconsiderando que um campo de investigação científica se forma a partir de problemas ou quebra-cabeças comuns (KUHN, 1989).

Os três exemplos tratados, a Cinesiologia, a Ciência da Motricidade Humana e as Ciências do Esporte, são construções que pretendem, através de uma nova elaboração supostamente epistemológica, propor uma nova denominação

em substituição à educação física, na pretensão maior de assumirem um novo patamar no meio acadêmico, adquirindo mais *status* no espaço universitário, como afirmam Tani e Manuel Sérgio explicitamente.

Todavia, estas novas propostas de nomes em substituição ao já tradicional termo educação física, acabam não adquirindo o prestígio pretendido e ainda aumentam os mal-entendidos. Dar um novo nome para uma nova área tem servido para aumentar a confusão e as lutas internas da educação física, num confronto entre grupos que pretendem assumir para si a verdade absoluta e o poder de, com uma nova denominação, reorganizar a área. O nome torna-se quase uma solução mágica.

Este movimento de lutas internas em uma área especializada, onde se identificam várias relações, como força, poder e interesses, é composto basicamente por pessoas que acreditam e têm paixão por algo que é o objeto central, que Bourdieu (1983) chama de campo. Nesta análise, nos valendo de Bourdieu, podemos dizer que estas lutas na educação física se dão na intenção de constituir um campo de conhecimento específico e unitário.

Como contraponto às tentativas de construção de uma nova área, existem autores, como Lovisolo (1995 e 2000), Betti (1996) e Bracht (1997 e 1999), que entendem que não é uma nova ordem epistemológica e uma nova denominação que farão com que se organize e se qualifique a educação física.

Estes autores não acreditam que instituindo-se uma ciência ou mesmo uma nova ciência da educação física, ou outro nome qualquer, que conseguir-se-á atingir maior qualidade ou construir-se-á uma área mais organizada, pois não enxergam necessidade de se gastar tanta verve nisso. Entendem que a educação física é uma área que se pauta na intervenção e que, portanto, deve ser

pensada para além dos dualismos estabelecidos entre campo científico - área de intervenção, ciências humanas - ciências biológicas como vem acontecendo, e acreditam numa mediação que vá contribuir para que se qualifique o ato de intervenção profissional, nos vários campos possíveis de atuação de um profissional de educação física.<sup>5</sup>

Observe-se que para além da instituição de uma nova ciência, com um nome que deveria substituir ou englobar o tradicional termo educação física, temos em nosso campo a tradição de criar classificações que devem traduzir objetivos, valores e meios das atividades. Este tema será tratado na próxima seção.

## FORMULANDO CONCEITOS E CONCEITOS.

---

Um outro fator que pode ser identificado no seio da educação física é algo que podemos dizer já ser uma tradição da área, que é o hábito de criar conceitos, classificar atividades. Isto decorre da tentativa de articular diferenças e criar aproximações, com o interesse de possibilitar um melhor entendimento pelos próprios profissionais e pela sociedade.

Todavia, esta diversidade de conceitos e classificações inventadas tem colaborado para criar, ou mesmo ampliar, as dificuldades de entendimento da educação física, seja nas suas propostas de intervenção ou de investigação e estudo. Podemos observar e constatar um intenso debate tautológico, onde várias denominações, conceituações e classificações têm sido propostas para se analisar o mesmo fenômeno, podendo

ser este a própria educação física ou o esporte. Acerca disso, vários exemplos podem ser usados. No caso do esporte, Tubino (1992) cria uma conceituação que o classifica em três dimensões. Outro estudioso do tema é Bracht (1997), que faz outra classificação considerando duas dimensões.

Esta confusão entre os objetivos e a natureza do esporte traz ainda mais dificuldades para seu entendimento, fazendo com que circulemos entre opiniões contrárias e diversas que se representam desde os cursos de graduação até as políticas públicas, além de criar modelos-ideais fechados para um fenômeno social complexo que se manifesta dinamicamente nos espaços sociais. As narrativas competitivas, educativas e socializatórias em torno do esporte aparecem independente do espaço onde se manifesta esse fenômeno social.

Também sobre as atividades físicas, criam-se classificações e denominações. Faria Junior (1999), analisando as produções da área, aponta alguns termos correntes: atividade física, atividade corporal, exercícios, aptidão física. Neste caso, assim como no esporte, esta variada classificação contribui para que se instaure uma grande confusão no uso e na compreensão destes termos, obscurecendo ainda mais cada um deles.

Neste quadro, se estabelece uma rotina e também uma tradição na forma de construir o conhecimento, onde se entende que conhecer é classificar e quanto mais se classifica, mais se conhece; assim, acabamos por ser reforçadores da tradição de Linnaeus<sup>6</sup>, só que com pouca funcionalidade.

Assim, o sonho de construção de uma unidade acaba por ficar cada vez mais distante, servindo as várias denominações somente para criar

---

<sup>5</sup> A luta no interior do campo se torna mais complexa quando entra em cena o conflito entre os formados a partir das ciências sociais e os formados a partir das ciências biomédicas. Neste sentido, dois caminhos podem ser destacados: a) aqueles que afirmam que a educação física deve ser construída pela lógica do conhecimento biomédico e b) pelo conhecimento das áreas de ciências humanas e sociais. O debate é para identificar em qual área a educação física se insere. Neste aspecto, os órgãos governamentais de pesquisa e ensino (MEC, CNPq e CAPES) enquadram a educação física na área de ciências da saúde, mas em diversas IES ela está colocada na área de ciências humanas e sociais. Isto por si só tem gerado um intenso, constante e inflamado debate interno.

<sup>6</sup> Karl von Linné, ou Linnaeus. Ele publicou, em 1735, o livro *Systema Nature* onde propunha um sistema de classificação de todos os organismos baseado nas suas semelhanças. Esse sistema foi muito aceito até o século XIX, e continua servindo de base para o pensamento de toda a taxonomia e as ciências biológicas atuais.



barreiras entre os profissionais, dificultando ou impedindo o diálogo, colaborando para que se formem guetos, que acaba por limitar possíveis avanços do conhecimento e da intervenção.

Neste aspecto, Lovisolo (2000) trabalha com o que chama de tribos da educação física, que são a representação destes pensamentos e posições diversas e nos apresenta quatro, a saber: a da potência, a da conservação, a da estética e a da educação física escolar. Cada uma destas encaminha sua atividade de intervenção e de construção de conhecimento para a esfera do que consideram que a educação física deve ser. Estas tribos constroem para si um mecanismo de representação, que vai de um sistema de linguajar específico até um sistema de valores atribuídos a suas ações profissionais. Desta maneira, o referido autor nos apresenta uma análise geral das formas de organização da área e identifica que esta arrumação por tribos pode influenciar numa possível desarticulação da EF vista como um todo, já que estas acabam por acentuar diferenças e gerar desavenças, minimizando assim possibilidades de interação e integração destas diferentes perspectivas dentro da própria área da EF.

Lovisolo (2000), diz que a “...falta de integração está-se agudizando nos fundamentos e na prática de intervenção, mesmo nas recomendações que são formuladas para se atingirem os diversos objetivos.” (p. 12)

Apesar dessa dinâmica de divergência de posições e visões, do ponto de vista institucional a unidade da educação física continua garantida, seja na formação em nível de graduação, seja na questão da organização dos profissionais em órgãos corporativos, já que em ambos se mantém e se efetiva a denominação educação física.

Como podemos observar, cria-se na educação física uma lógica de “autodestruição”, quando os termos e/ou conceitos ao invés de representarem e explicarem a área, traduzem mais a identidade das

tribos (no sentido de Lovisolo) e os “nomes” se tornam bandeiras de grupos. O debate em torno das classificações ao invés de contribuir com o entendimento tem servido para que ela permaneça em um nível que não a faz avançar, pois este tipo de comportamento não favorece o debate em bases mais racionais, que representa o que há de melhor no sentido de fazer avançar qualquer campo de conhecimento.

## ANÁLISES FINAIS

Concluindo, podemos apontar que o campo da educação física tem se constituído sobre algumas características bastante peculiares, que trazem para seu meio alguns elementos que acabam lhe sendo típicos. É um cenário composto por um sentimento de crise que acaba fazendo circular um ideário de mudanças. Esta crise passa por um sentimento de baixa autoestima e baixo autoconceito em relação à área e à condição de seus profissionais, despertando desejos de mudanças que alterem este quadro. E estas tendências de mudanças vão dos matizes teóricos ao próprio nome educação física, sempre orientadas a partir das perspectivas de grupos ou de autores.

Neste movimento instaura-se uma luta e um constante e acalorado debate entre os que desejam pensar a área como disciplina científica e os que não a entendem como ciência, além dos que a querem definir como uma disciplina de orientação eminentemente pedagógica.

Os que a pensam como ciência têm tentado elaborar uma nova orientação epistemológica, com um cabedal de conhecimentos que lhe seja próprio, de forma a configurá-la no meio universitário como disciplina científica; os que a entendem como uma arte de intervenção pensam em melhor construir os saberes que contribuam para um melhor fazer por parte do professor, e por último, os que a pensam como uma área da ação pedagógica, que querem construir uma forma de pensar que justifique acadêmica e politicamente este tipo de pensamento.

Neste emaranhado de idéias e formas de pensar, tem sido uma rotina as rotulações, as classificações e as conceituações dos elementos de que a educação física lança mão em suas ações. Assim, têm surgido diversas interpretações sobre um mesmo fato, que tem colaborado para obscurecer ainda mais a área, ao invés de servir para clarear e facilitar o entendimento, como, a princípio, é real a intenção.

### **The organization of the physical education: area considerations on the debate.**

**Abstract:** The text presents a discussion regarding the constitution of the academic and professional area of the physical education and its obstacles. So on, it looks for different propositions and analyses that present new denominations and understandings for the physical education in what it refers its structure as scientific discipline and academic disciplines. The text is organized in a way of starting from a review of the main propositions, among them: *kinesiology*, Science of Human *motricity* and Sciences of the Sport, trying to understand as they are presented, its intentions and formulations, as well as the circulation of this area.

**Key-words:** area, physical education, kinesiology, sciences of the human motricity and sciences of the sport.

## REFERÊNCIAS

BETTI, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, vol.3, n.2, p. 73-127, 1996.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES., 1997.

\_\_\_\_\_. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.

CUNHA, M. S. V. e. *Educação física ou ciência da motricidade humana*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1991.

FARIA JUNIOR, A. G. de. Atividade física, saúde e ambiente. In FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de, et al. (orgs). *Uma introdução à Educação Física*. Niterói: Corpus, 1999.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. *Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1988.

KUHN, T. S. *A tensão essencial*. Lisboa: Edições Setenta, 1989.

LOVISOLO, H. *Educação Física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

\_\_\_\_\_. *Atividade física, educação e saúde*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

PAIVA, F. S. L. de. *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do esporte*. Vitória: CEFD-UFES, 1994.

ROCHA JUNIOR, C. P. da. *Propostas pedagógicas em educação Física: um olhar sobre a cultura corporal*. Dissertação de mestrado. RJ: UGF, 2000.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*, vol.3, n.2, p. 9-49, 1996.

TUBINO, M. J. G. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. *As teorias da Educação Física e do Esporte*. São Paulo: Manole, 2002.

Recebido em: 05/08/2004

Reformulado: 10/08/2005

Aprovado em: 11/08/2005

**Coriolano P. da Rocha Júnior**  
Rua Alagoinhas – 37/301 – Ed. Havai -  
Rio Vermelho – Salvador – Bahia  
CEP. 41.940-620

E-mail: [coriolanojunior@uol.com.br](mailto:coriolanojunior@uol.com.br)

